



Infopastoral: uma pastoral profética e missionária na era digital

Desafios e Reflexões sobre a Ação Pastoral em uma Sociedade Tecnológica

Infopastoral: a prophetic and missionary pastoral in the digital age

Challenges and Reflections on Pastoral Action in a Technological Society

*Andréia Gripp**

PUC-Rio

Recebido em: 03/04/2024. Aceito em: 30/04/2024.

Resumo: *Este estudo aborda os desafios enfrentados pela Igreja Católica, e por todos os cristãos enquanto batizados e membros do Povo de Deus, diante da crescente influência das tecnologias de comunicação e informação na sociedade contemporânea. Diante do interesse cada vez maior na compreensão dos impactos do uso excessivo das mídias digitais no ser humano, bem como dos questionamentos sobre a adequação da ação pastoral nesse contexto vital, o artigo investiga os desafios, possibilidades e posicionamentos da Igreja na esfera digital. Uma proposta inovadora é apresentada: a Infopastoral, uma abordagem que busca responder às demandas contemporâneas de forma eficaz e relevante. Este estudo é significativo porque contribui para uma compreensão mais aprofundada do papel profético que os cristãos precisam desempenhar na sociedade contemporânea, sendo “sal e luz” no mundo, atuando como profetas e promotores de uma sociedade onde os valores do Evangelho prevaleçam sobre os interesses mercadológicos. Optou-se pela metodologia “ver, julgar e agir” pela necessidade de se produzir uma análise pastoral contextualizada. A escuta e exame dos “sinais dos tempos”, conforme proposto pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, são fundamentais para esta reflexão, destacando a necessidade*

* Doutora em Teologia Sistemática-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio no setor de Cultura Religiosa. Jornalista, escritora e pesquisadora.

E-mail: andreiagrapp@puc-rio.br.

Dossiê





de compreender a realidade histórica em que se vive como ponto de partida essencial para uma boa prática pastoral.

Palavras-chave: *Infopastoral; cultura digital; ação pastoral; tecnologia.*

Abstract: *This study addresses the challenges faced by the Catholic Church and all Christians as baptized members of the People of God, in light of the increasing influence of communication and information technologies in contemporary society. Given the growing interest in understanding the impacts of excessive use of digital media on human beings, as well as the questioning of the adequacy of pastoral action in this vital context, the article investigates the challenges, possibilities, and positions of the Church in the digital sphere. An innovative proposal is presented: Infopastoral, an approach that seeks to respond to contemporary demands effectively and relevantly. This study is significant because it contributes to a deeper understanding of the prophetic role that Christians need to play in contemporary society, being the “salt and light” of the world, acting as prophets and promoters of a society where Gospel values prevail over market interests. The “see, judge, act” methodology was chosen due to the need to produce a contextualized pastoral approach. Listening to and analyzing the “signs of the times,” as proposed by the Second Vatican Ecumenical Council, are fundamental to this reflection, highlighting the need to understand the historical reality in which we live as an essential starting point for good pastoral practice.*

Keywords: *Infopastoral; digital culture; pastoral action; technology.*

Introdução

O agir da Igreja na sociedade contemporânea marcada pelas tecnologias e imersa na cultura digital é um tema de importante reflexão para a Teologia Pastoral. Observa-se que o momento histórico vivido pela humanidade na atualidade é caracterizado por uma mudança de época. Este fenômeno tem suscitado, também, o interesse de pesquisadores de diversas áreas como sociologia, filosofia, antropologia, educação e comunicação, o que confere ao objeto deste estudo um caráter de interdisciplinaridade.

A Teologia tem aprofundado a sua reflexão sobre a temática, pois possui uma importante contribuição a dar, especialmente no tocante às possibilidades de diálogo entre fé e cultura, a partir de sua prática e de sua análise mais profunda relacionada à vivência da fé e à relação entre o humano e a tecnologia.

Neste artigo, a partir do texto dos capítulos 1, 2 e 4 da tese de doutorado da autora, defendida em 2022, no Departamento de Teologia



da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro¹ será apresentada a proposta de um caminho pastoral de presença e atuação na cultura digital. Para tanto, optou-se pela metodologia “ver, julgar e agir” como um caminho seguro a seguir, pois uma boa pastoral não deve prescindir da realidade histórica em que se vive. Por isso, escutar e analisar os sinais dos tempos, conforme propôs o Concílio Ecumênico Vaticano II, é o ponto de partida desta reflexão”.

Inicialmente será feita uma breve contextualização do fenômeno cultural que teve início com a Terceira Revolução Industrial (por volta de 1950), com o olhar do discípulo-missionário de Cristo. Num terceiro tópico, será apresentada a proposta da *Infopastoral* como agir da Igreja, enquanto povo de Deus e corpo de Cristo, nessa realidade midiática digital. Entre essas duas seções, como base de um aprofundamento deste pensamento, está o entendimento do Papa Francisco de que pastoral não pode ser reduzida a uma ação, porque envolve, também, a produção de conteúdo, o encontro (que se realiza na presença, seja de forma física, seja *on-line*) e o testemunho (expresso nas atitudes e nos gestos).

1 As tecnologias moldam uma sociedade hipercomplexa

A forma mais resumida de definir a sociedade atual e o fenômeno cultural que foi desencadeado desde a popularização da *internet* e o desenvolvimento dos dispositivos móveis é dizer que se trata de uma realidade complexa. Na pesquisa desenvolvida para o doutorado, esta autora utilizou, com o objetivo de passar uma ideia de intensidade, o prefixo “hiper” para afirmar que a realidade hodierna está muito além do entendimento comum do que seja complexo. Por esse motivo, no texto é afirmado que a sociedade atual é uma sociedade “hipercomplexa”.

Papa Francisco (2019) corrobora com essa ideia, apontando como realidade da contemporaneidade a vivência de uma mudança de época, que provoca transformações não lineares, mas epocais, em que tudo se modifica rapidamente: o modo de viver, de se relacionar, de comunicar, de elaborar o pensamento, de produzir ciência, de diálogo entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé.

¹ Tese denominada: *Infopastoral*: diálogo entre fé e cultura digital: uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja.



Esta mudança de época é provocada e potencializada pela revolução tecnológica que infere nos processos de comunicação social uma influência nunca vista na história da humanidade.

A cultura digital é ao mesmo tempo geradora e consequência dessa transformação. Nasce com as novas mídias que, potencializados pela *internet*, criam uma esfera de existência para o ser humano (a *internet* e suas plataformas) e se tornaram “extensões do homem”, como previu Herbert Marshall McLuhan em uma de suas obras mais conhecidas, *Understanding Media: The Extension of Man* (Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem), de 1964.

Pierre Lévy, em “*A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência*”, destaca que este não é um processo desconhecido pela humanidade (2003). Ao se estudar a história da sociedade, a partir do desenvolvimento tecnológico, é possível perceber que

da escrita aos instrumentos científicos, chegando aos computadores e às redes eletrônicas, passando pela televisão, nossas mídias condicionam a precisão e o alcance dos nossos sentidos, o leque das conexões que podemos manter, o tipo de comunicação que temos com o resto do mundo (2003, p. 164).

Outras características marcantes deste tempo histórico, em que desponta como novidade e desafio a Inteligência Artificial (IA), são: a secularização, a globalização, o pluralismo religioso e cultural, o relativismo filosófico e moral, a redescoberta e revalorização da subjetividade, a cultura em rede – onde cada ponto é um produtor de conhecimento –, o individualismo, os sentimentos e relacionamentos líquidos.

A análise profunda da realidade possibilita a aplicação do pensamento do Papa Francisco, expresso na *Carta Encíclica Laudato Si'* (2015), de que “tudo está interligado”. Já em 1962, Marshall McLuhan afirmou que a humanidade se transformava na medida em que as tecnologias da comunicação eram desenvolvidas, pois elas “criam seu respectivo ambiente humano” (1972, p. 15). Para o autor, os meios de comunicação são extensões do ser humano, porque aperfeiçoam os sentidos e as habilidades do corpo, mas também provocam uma espécie de amputação dos mesmos, com reducionismo de sentidos e habilidades.

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o



meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. [...] o meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (McLuhan, 1974, p. 21-23).

Na teoria de McLuhan, toda tecnologia criada pelo ser humano é um mecanismo de extensão de suas capacidades cognitivas e sensoriais. Em se tratando de mídias, por exemplo, o computador é a ampliação do cérebro e sua amputação acontece no fato de que o seu uso acaba por diminuir a capacidade humana de memória e pensamento complexo.

Na realidade contemporânea é possível perceber claramente que as tecnologias da informação moldam a mentalidade e as interações sociais e que, como defendeu Harold Innis (2011), a percepção de mundo das sociedades é impactada pelas mídias, que provocam desvios espaciais ou temporais, alterando a experiência de tempo e espaço.

Ao analisar o mundo atual, Di Felice (2021) afirma que as relações são marcadas por um agir conectado.

O autor desenvolve o conceito de que o processo de digitalização teve como consequência a inadequação da ideia de sociedade até então vigente, na qual as relações informatizadas são estendidas para além do limite do espaço físico. Vive-se o fenômeno da “dadificação” de todas as coisas, que tudo transforma em informação. Isso provoca a transfiguração do mundo e o advento de um novo status, definido como informacional e conectivo (Di Felice, 2021, p. 17-22).

A interferência das mídias na percepção da realidade, da sociedade e do indivíduo é um tema desenvolvido na contemporaneidade por teóricos que estudam a ecologia das mídias, linha de pesquisa fundada por Neil Postman, em 1971, na Universidade de Nova Iorque. Para eles, as mídias dificultam ou facilitam a sobrevivência do ser humano, pois lhe impõe regras, linguagens e padrões de comportamento que condicionam a forma de ver o mundo e, consequentemente, a forma como se sente, age e reage em sociedade.

As novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como ‘conhecimento’ e ‘verdade’; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um



senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que inevitável, do que é real. [...] As novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem (Postman, 1994, p. 22-29).

Adriana Braga (2008) analisa que os estudos de McLuhan e Postman colocam em destaque a necessidade de superar uma visão meramente entusiástica, e às vezes até ingênua, sobre as mídias para se adotar uma posição mais equilibrada que, sem negar os aspectos positivos da tecnologia, consegue identificar e criticar suas influências negativas sobre o humano e sua relação em sociedade.

Ao comentar o pensamento de Postman, a referida autora afirma que é possível concluir que “uma vez implementada, a tecnologia atua sem que tenhamos plena consciência do processo: introduz ideologia própria, muda significados de palavras com raízes profundas” (2008, p. 33) e complementa:

O/a próprio/a inventor/a de uma tecnologia não tem meios de prever os usos e alterações sociais consequentes de sua criação. Uma nova tecnologia compete com as demais não só por tempo, atenção, dinheiro, prestígio, mas principalmente pela predominância de sua visão do mundo, fomentando alterações sociais, institucionais e intelectuais relevantes, que por sua vez, são redirecionadas pela sociedade (Braga, 2008, p. 35).

É senso comum que o ser humano habita nos tempos hodiernos um mundo cada vez mais baseado na *internet*. Esta afirmação pode ser encontrada na obra do sociólogo Manuel Castells, *A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade* (2003, p. 9). Esse mundo, predominantemente urbano, vive uma realidade de tempo *on-line*, ou melhor, *on-life* como prefere o filósofo Luciano Floridi (2014), ou seja, conectado 24h por dia, todos os dias do ano. O fenômeno da midiaticização de todas as coisas foi descrito pelo autor Muniz Sodré, em sua obra *Antropológica do Espelho* (2012, p. 21), como uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a “teco-interação” –, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *médium*.



O desenvolvimento das tecnologias, em especial a das comunicações e informação, cria uma metrópole comunicacional/digital, impondo sua carga cultural à vida cotidiana. Canevacci (2004, p. 110) sustenta que a lógica da cidade comunicacional/digital está explicitada na arquitetura, na arte e no transurbanismo, despontando uma cidadania transitiva e ubíqua, de experiências híbridas e de transformações constantes. Cada subjetividade é marcada por uma mistura, uma pluralidade e uma simultaneidade, deixando de existir uma identidade fixa e fazendo com que a pessoa se perceba “neste lugar” e, ao mesmo tempo, em outro espaço da cidade. Em sua obra “*Cidade Polifônica*”, o referido autor analisa as variadas e fluidas formas de comunicação que nascem a partir do fenômeno das tecnologias digitais, modificando o viver nas metrópoles, que através das mídias expandem sua forma de vida para outras realidades, inclusive para os ambientes que eram antes marcadamente rurais. A introdução das mídias, em especial a digital, no cotidiano das cidades privilegia o surgimento de uma nova noção de espaço, que vai gradualmente modificando outro conceito importante: a noção de comunidade.

Nessa direção, Castells (2003, p.10) explica que as tecnologias de informação e comunicação transformaram o mundo porque transformaram as relações sociais, agora tecidas pelas redes digitais de informação e comunicação. O novo entendimento acerca do conceito de comunidade, trazido pela cultura digital e suas plataformas, rompe com a compreensão dos vínculos de integração, pertença e comunhão social como até então eram compreendidos pela fé cristã. Isso porque o lugar no qual o indivíduo vive é muito maior e mais complexo do que o espaço geográfico que é fixo.

Além da noção de comunidade, outros conceitos foram sendo transformados na sociedade com o desenvolvimento das tecnologias e das mídias, como o entendimento acerca do que seja real e verdadeiro.

A respeito da noção de realidade/verdade, pode-se constatar que antes das mídias, o julgamento sobre a realidade/veracidade de um fato estava condicionado ao interlocutor, à palavra empenhada pela pessoa que falava. Hoje, não basta a palavra. É considerado, segundo (Souza 2022, p. 32), real/verídico o fato que aparece nas mídias, preferencialmente representado por uma imagem que materialize a informação.

Essa realidade “hipercomplexa” constitui um desafio à Pastoral, que precisa ser pensada a partir de pressupostos que já não são os mesmos das décadas de 80 e 90 do século 20. Vive-se no século 21, marcado e



transformado pelas tecnologias. Este é um fato que não pode ser negado e não tem possibilidade de retrocesso. Planejar a ação pastoral e produzir uma análise estrutural do tempo presente falando de comunicação e cultura de massa a partir de paradigmas de uma comunicação linear é, no mínimo, um anacronismo, porque o modelo linear está sendo superado pelo modelo dialógico-circular, que marca a comunicação pessoal e grupal, sobretudo após o advento das redes sociais. Assim, segundo Souza (2022, p. 54):

A comunicação dialógica é dinâmica, criativa e livre. É dialógica porque provoca igualdade, participação, corresponsabilidade entre emissor e receptor. Proporciona condições para que os receptores deem um feedback imediato e respondam diretamente aos emissores, tornando-se, assim, um outro emissor e produtor de conteúdo. É mais adequada para a cultura digital, porque assinala a interação entre fonte, emissor, mensagem, canal e receptor.

Esta interação é vivida na “infosfera”: um conceito articulado por Luciano Floridi, o qual a conceitua como o resultado da integração entre o ambiente digital e o mundo físico, possibilitando o indivíduo a viver uma dinâmica *on-life* (em tempo real), na qual está sempre conectado; sempre interagindo. Ao mesmo tempo que se está fisicamente em um ambiente, está-se virtualmente em outro, respondendo mensagens, enviando arquivos, encontrando e dialogando com outras pessoas por meio de aplicativos. As pessoas estão lá, sem deixar de estar aqui (Gripp, 2023, p. 62-63).

Com as interfaces se tornando progressivamente menos visíveis, o limite entre aqui (analogico, baseado em carbono, off-line) e lá (digital, baseado em silício, on-line) está rapidamente se tornando indistinto [...] O mundo digital-online está se espalhando para o mundo analógico-offline e se fundindo com ele. Esse fenômeno recente é conhecido como ‘Computação Ubíqua’, ‘Inteligência Ambiental’, ‘Internet das Coisas’ ou ‘Coisas Aumentadas pela Web’. Prefiro me referir a ela como a experiência onlife. É, ou será em breve, o próximo estágio no desenvolvimento da era da informação (Floridi, 2014, posição 43, tradução nossa).

Diante desta análise contextual, emerge uma questão fundamental: de que maneira pode ser efetivada uma prática pastoral que assuma um caráter profético diante de tal complexidade existencial? Para começar a responder tal questionamento, serão apresentados, subsequentemente, elementos cruciais do Magistério do Papa Francisco, os quais fornecem substrato para a reflexão acerca da prática pastoral nesse contexto particular.



2 A pastoral em diálogo com a contemporaneidade

Os desafios que a mudança cultural que o mundo vive com o advento das tecnologias digitais de comunicação e informação impõem sobre a vivência da fé e a ação pastoral não são tanto na questão de se valorizar ou não o sagrado. Não se trata de negar a transcendência, a existência de Deus. Como afirma Babin e McLuhan “o que morre não é o sentido do sagrado, mas um certo sentido do sagrado” (1978, p. 21). Neste sentido, nasce um novo tipo de sentimento religioso, uma nova forma de pertença, que exige uma nova forma de ação. Como questionam os referidos autores:

O Homem muda. Sua maneira de compreender e de comunicar muda. O sentido da hierarquia muda. Tal como a imagem política, as polaridades do imaginário orientam-se para novas direções. Como então a dimensão da fé poderá manter-se a mesma? Esta é a verdadeira questão (1978, p. 30).

A realidade atual, segundo Cox (1976, p. 258-259), criou a necessidade de se superar a mentalidade livresca (de uma religião “do livro”) para prestar atenção aos fatos e gestos de uma humanidade imersa numa cultura não linear. Esse pensamento está em conformidade com a didática e o magistério do Papa Francisco (2014), que afirma que é urgente realizar uma mudança na mentalidade pastoral. Cabe lembrar que na *Carta Encíclica Redemptoris Missio*, o Papa João Paulo II (1990) indicou que “não é suficiente usar a mídia para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações” (n. 37c).

Para a efetivação dessa mudança e dessa integração, é preciso um processo de discernimento: discernir o que conta e o que passa, separar o que é necessário do que não é, reajustando “a rota da vida rumo ao Senhor e aos outros” (Papa Francisco, 2020). Seguir esse caminho exige humildade, autocrítica e conhecimento da nova realidade que a tecnologia digital impõe ao ser humano. Papa Francisco discorre sobre essa realidade ao afirmar, na *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais*, que

Somos chamados a crescer juntos, em humanidade e como humanidade. O desafio que temos diante de nós é realizar um salto de qualidade para estarmos à altura duma sociedade complexa, multiétnica, pluralista, multirreligiosa e multicultural. Cabe a nós questionar-nos sobre o



progresso teórico e a utilização prática destes novos instrumentos de comunicação e conhecimento (2021).

Em outra mensagem o referido Pontífice dirigiu-se aos participantes do Congresso Internacional sobre Pastoral das Grandes Cidades (2014), afirmando que “a pastoral é mais do que uma ação, é também presença, conteúdo, atitude e gestos”. Dentro desta perspectiva, apresentou como uma primeira atitude de conversão pastoral o “sair e facilitar”, que engloba mudanças essenciais de paradigma: ao invés de receber, sair; ao invés do esperar que venham, ir ao encontro, ir à procura das pessoas, porque

Na cidade temos necessidade de outros ‘mapas’, de outros paradigmas, que nos ajudem a situar de novo os nossos pensamentos e as nossas atitudes. Não podemos permanecer desorientados, porque este desconcerto nos leva a errar o caminho, em primeiro lugar nós mesmos, mas depois confunde inclusive o povo de Deus e aquilo que ele procura com um coração sincero: a Vida, a Verdade e o Sentido.

A proposta do Papa Francisco (2014) é estabelecer uma pastoral em chave de missão. A nova prática pastoral, segundo o Pontífice, precisa ser audaz e sem receios; não centralizada em si mesma, mas aberta ao ser humano integral, que vive no tempo histórico presente, com todas as suas potencialidades e limitações.

Sair ao encontro de Deus que habita na cidade e nos pobres. Sair para se encontrar, para ouvir, para abençoar, para caminhar com as pessoas. E facilitar o encontro com o Senhor. Tornar acessível o sacramento do Batismo. Igrejas abertas. Secretarias com horários para as pessoas que trabalham. Catequeses adequadas nos conteúdos e nos horários da cidade.

2.1 Presença. Conteúdo, atitudes e gestos

Segundo a mensagem aos participantes do Congresso Internacional sobre Pastoral das Grandes Cidades, como visto anteriormente, a presença da Igreja precisa ser constante e aberta a todas as pessoas: junto aos pobres, aos jovens, às famílias, aos mundos do trabalho, da cultura e da educação, conforme o mandato missionário de Cristo à Igreja (cf. Mc 16,15).



Em segundo lugar, mas não menos importante, encontram-se os conteúdos da evangelização. Sobre isso, afirma Papa Francisco (2014):

Temos mais facilidade para fazer crescer a fé do que para ajudar a nascer. Acho que deveríamos continuar a aprofundar as mudanças necessárias nas nossas várias catequeses, substancialmente nas nossas formas pedagógicas, a fim de que os seus conteúdos sejam melhor compreendidos mas, ao mesmo tempo, temos necessidade de aprender a despertar nos nossos interlocutores a curiosidade e o interesse por Jesus Cristo. Esta curiosidade tem um santo padroeiro: é Zaqueu! Peçamos-lhe que nos ajude a despertá-la. E então, a convidar a aderir a Ele e a segui-lo. Devemos aprender a suscitar a fé! Suscitar a fé! E depois, não ir por aqui e por ali... Não! É preciso semear! Se a fé brotar, será o Espírito que em seguida fará com que aquele indivíduo venha ter comigo, ou com outra pessoa, para pedir mais um passo, um passo a mais... Mas é preciso suscitar a fé!

Por fim, as atitudes e gestos, que precisam expressar uma “Igreja Samaritana”, sempre presente. E neste tópico, faz-se essencial o testemunho, como afirma o Papa Francisco (2014):

Na pastoral urbana, a qualidade será conferida pela capacidade de testemunhar por parte da Igreja e de cada cristão. Quando dizia que a Igreja não cresce por proselitismo mas por atração, o Papa Bento XVI falava precisamente disto. O testemunho que atrai, que desperta a curiosidade das pessoas.

Aqui está a chave! Mediante o testemunho, podemos incidir sobre os núcleos mais profundos, onde nasce a cultura. A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho, mas fã-lo no próprio cerne das culturas que se vão gerando no seio das cidades. O testemunho concreto de misericórdia e de ternura, que procura estar presente nas periferias existenciais e pobres, incide de forma direta sobre os imaginários sociais, gerando orientação e sentido para a vida urbana. Desta maneira, como cristãos, nós contribuimos para construir uma cidade na justiça, na solidariedade e na paz.

2.2 Pastoral e cultura do encontro

A alegoria do encontro é um tema recorrente nos discursos do Papa Francisco (2021), para o qual, a fé cristã é comunicativa e começa com um convite a um conhecimento direto, a uma experiência pessoal com Jesus Cristo (de Jo 1,46). Seus discípulos o seguem por conhecê-lo verdadeiramente, não “por ouvir dizer”. Todo anúncio, portanto, para ser verdadeiramente cristão, é feito “por proximidade”.



Na passagem de Jo 1,46, o convite “Vem e verás” é um chamado não só a ouvir Jesus falar, ou ouvir as pessoas falarem de Jesus, mas a verificar que Ele encarnava o que comunicava:

Assim, comunica-se a vida, vivendo; o amor, amando; o perdão, perdoadando. É uma comunicação sensível, não tecnicista, não instrumentalista [...]. evangelizar, seguindo o exemplo do Mestre, é envolver o outro em uma experiência, em um diálogo, em uma narrativa. ‘Por essa razão’, afirma o Papa, ‘o ‘vem e verás’ era e continua a ser essencial. (Gripp, 2021 apud Gripp; Martins, 2022, p. 7).

Para o padre Antonio Spadaro, SJ, o estilo comunicativo do Pontífice em tudo privilegia a cultura do encontro. Em seu livro “*A proposta do Papa – O futuro rosto da Igreja*”) o autor afirma: “O Papa não procura mediações: com um ouvido escuta o Evangelho e com o outro o povo” (2013, p. 9). Desta forma, “sua ação é uma ação comunicativa para a qual não existe distância entre sua pessoa e aquilo que se faz ou diz” (2013, p. 20-21), porque acredita que a verdade só pode ser de fato conhecida pelo encontro com as pessoas, com a participação em suas alegrias e tristezas. E isso só é possível, segundo o Papa Francisco, “gastando a sola do sapato”, (2021), ou seja, saindo da cômoda posição de espectador externo ou da cômoda presunção do “já sabido”.

Após a análise de diversos aspectos da realidade cultural contemporânea, marcada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, e a apresentação de diretrizes oriundas do magistério do Papa Francisco para nortear a ação pastoral neste contexto histórico, proceder-se-á à exposição de uma abordagem pastoral que se entende como inovadora. Esta abordagem, denominada *Infopastoral*, propõe uma síntese entre a dinâmica evangélica do “vinde e vede” e a integração do Evangelho no âmbito da cultura digital. A *Infopastoral* engloba dois movimentos fundamentais inerentes à prática pastoral da Igreja, tanto como instituição quanto como comunidade de fiéis: o movimento interno (*ad intra*), voltado para a edificação e fortalecimento da própria comunidade eclesial, e o movimento externo (*ad extra*), direcionado ao anúncio do Evangelho e à missão evangelizadora no mundo contemporâneo.

A reflexão subsequente constitui um resumo do texto contido no Capítulo 4 da tese de doutorado desta autora e publicado, posteriormente e em parte, no livro de sua autoria intitulado “*Infopastoral. O agir pastoral numa sociedade em transformação*” (2023, Editora Paulus).



3 Infopastoral: a comunicação inculturada deve marcar o agir pastoral

A percepção para Moraes (2011, p. 683) de que o “ministério interpretativo e diaconia comunicativa deveriam ser o típico contributo do ministério pastoral da Igreja Católica ao mundo e à cultura da Comunicação Social de hoje” motivou a investigação desta autora sobre os desafios da cultura digital para a evangelização e ação da Igreja, um trabalho que teve início durante o programa de mestrado na PUC-Rio (2015-2016) e foi posteriormente desenvolvido no doutorado (2018-2021). Como resultado desse estudo, foi formulado o conceito de *Infopastoral*.

A proposta para a atuação da Igreja em meio à cultura marcada pela tecnologia digital, a ser delineada a seguir, é fundamentada na Teologia Pastoral e, neste artigo, iluminada pelo pensamento do Papa Francisco.

O percurso desta pesquisa foi delineado por uma perspectiva que se apoia no conceito de discípulo missionário, conforme delineado no Documento de Aparecida (n. 147). Este conceito destaca a postura daqueles que, imbuídos de um espírito de serviço à humanidade, almejam contribuir para a busca do caminho; assumem um papel protagonista na integração do Evangelho no contexto proporcionado pelas novas tecnologias; e são convocados a manifestar a dinâmica do Reino de Deus na sociedade e na Igreja, no período histórico atual. É importante ressaltar que o discípulo missionário abrange toda a comunidade batizada, não se restringindo a uma categoria específica de fiéis, mas incluindo clero, religiosos/as e leigos/as.

O olhar do discípulo-missionário é caracterizado pelo compromisso com o serviço do Evangelho, visando contribuir para o encontro do caminho que conduz à construção de uma narrativa de superação da fragmentação e divisão, abordando questões sociais, culturais, educacionais, morais e ambientais (Amado, 2019, p. 41). Neste sentido, o discípulo de Jesus Cristo reconhece a urgência da missão como requerendo uma disposição para se desinstalar e se aproximar dos irmãos (CNBB, 2020, n. 8). A *Infopastoral* busca oferecer elementos para o discernimento acerca da desafiante missão de transmitir a fé às novas gerações, em um mundo permeado pelas tecnologias digitais e em constante evolução. Desta maneira, objetiva facilitar o diálogo em torno das questões que confrontam a humanidade e a Igreja na atual conjuntura social, incluindo a busca



pelo significado da existência humana em uma sociedade profundamente influenciada pela tecnociência.

3.1 A inculturação do Evangelho exige uma mudança de linguagem

O primeiro desafio para a inculturação do Evangelho na cultura digital é a própria linguagem teológica e eclesial. Os enunciados que definem Deus e o ser humano foram constituídos numa lógica bem diferente da atual. Naquela época, definida como Crisandade, a fé (cristã) era uma herança familiar, cujo vocabulário e conteúdo se aprendia na infância, sem questionamentos.

O processo de secularização² e o pluralismo cultural desarticularam essa dinâmica. Com a crescente distância entre a vida cotidiana e as normativas teológicas, muitos indivíduos na atualidade questionam a existência do transcendente ou o concebem de maneiras diversas. Sobre isso, Maria Clara Bingemer (2013, p. 98) argumenta:

O cristianismo histórico, antigo de mais de 2 mil anos, terá que repensar-se em meio a este estado de coisas e perceber qual é o ponto central que deverá comunicar aos homens e mulheres de hoje, de modo a motivá-los a pautar sua vida pelo caminho chamado Boa Nova, que foi capaz de virar uma página decisiva da história e plasmar a vida e a cultura de toda uma parte do mundo.

O cerne da fé cristã mantém sua singularidade inalterada ao longo do tempo, contudo, é capaz e necessita de se manifestar em compreensões e vivências diversas, de modo a responder à diversidade da realidade social na qual os indivíduos estão inseridos (princípio de “*ecclesiam semper reformanda*”). Rahner, em sua obra “*Curso fundamental da fé*” (2008, p. 91-113), enfatiza que todo discurso acerca de Deus deve necessariamente recorrer a exemplificações, comparações, metáforas, símiles, alegorias e parábolas. A alteridade divina é intrínseca e, portanto, inatingível e incompreensível ao campo cognitivo humano, o que impossibilita a demonstração de sua existência por meio de critérios da

² Bingemer (2013, p. 99) explica que “a secularização é o produto de uma compreensão do mundo que repousa não mais sobre o mito (*mythos*), mas sobre o discurso racional (*logos*)”.



razão materialista, bem como a formulação de afirmações categóricas acerca de sua essência.

No âmbito da investigação teológica, a questão da natureza e identidade de Deus emerge como um enigma fundamental. A concepção de Deus como mistério é ressaltada por Estrada, (2015, p. 69) que destaca que um dos desafios no discurso teológico sobre a Revelação reside no fato de que Deus, enquanto ser revelado, transcende o mundo material. Conseqüentemente, a linguagem utilizada para descrever Deus e Sua Revelação é necessariamente antropomórfica, o que limita a capacidade de resposta aos questionamentos da razão pura. A perspectiva humana é caracterizada por uma racionalidade intramundana, que permite a teorização sobre o universo físico do qual fazemos parte. Todavia, diante da transcendência divina em relação ao universo, surge a dificuldade de teorizá-la adequadamente. Nesse contexto, é essencial reconhecer a finitude da razão humana e sua incapacidade de compreender plenamente o transcendente e o sobrenatural.

Bingemer (2005, p. 218) amplia as reflexões apresentadas:

Toda teologia não é a revelação, mas uma figura contingente e limitada da mesma. Só o Kyrios (o Senhor) glorificado tem a visão totalizante e global da revelação. Portanto, toda revelação deve ser criticada e julgada pela figura de Jesus Cristo, na revelação, na contemplação, no seguimento. Assim, também como pela obra do Sopro divino do Espírito que procede do Pai e do Filho na criação, na história, na Igreja, e em cada ser humano. O discurso humano sobre Deus, portanto, é chamado a ser constantemente julgado pela Palavra de Deus e só a partir da revelação dessa palavra, o ser humano, finito e contingente, pode pretender aproximar-se do rosto inefável e resplandecente do Deus totalmente Outro, que se revela em meio à história e constrói relações amorosas com a humanidade.

É, portanto, de suma importância promover um movimento de revisão da linguagem utilizada para transmitir os conteúdos da fé cristã, sobretudo visando evitar a dissipação de energias em questões que não ressoam com o ser humano contemporâneo, bem como evitar o uso de linguagens antiquadas que possam ser incompreensíveis para ele. Neste contexto, o Papa Francisco, na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* destaca a necessidade de concentrar o anúncio cristão no essencial, naquilo que é mais belo, importante, atrativo e, ao mesmo tempo, indispensável (2013, n. 35) Esta abordagem simplificada não compromete a



profundidade nem a veracidade da mensagem, mas, ao contrário, a coloca em uma perspectiva mais acessível e relevante para os ouvintes contemporâneos. Portanto, torna-se imprescindível abordar todos os aspectos da comunicação do Evangelho com uma perspectiva missionária, a fim de assegurar que a mensagem transmitida não seja mutilada ou reduzida a questões secundárias que, embora pertinentes, não revelam o cerne da mensagem de Jesus Cristo (2013, n. 34).

Deus revela-se à humanidade na história e lhe sendo solidário concretiza o verdadeiro humanismo por meio da encarnação de Seu Filho, segunda pessoa da Santíssima Trindade. Deus se humaniza e faz do ser humano o lugar por excelência da sua Revelação. O cristão se torna testemunha dessa Revelação ao mundo na medida em que, através de sua fé e livre adesão a esse Deus que se revela, abraça o projeto de Cristo e proclama, por meio de suas escolhas cotidianas, o amor divino pela humanidade.

Conclui-se que a linguagem apropriada para comunicar a Revelação na esfera digital não se resume ao “teologuês”, mas deve ser aquela capaz de conduzir o ser humano contemporâneo a um encontro pessoal com o Deus revelado em Jesus Cristo. Este Deus é caracterizado por um amor compassivo e misericordioso em relação à humanidade, não apenas acolhendo as súplicas daqueles que sofrem, mas também compartilhando de sua dor e triunfando sobre a morte ao lado deles. Assim, uma abordagem eficaz requer uma harmoniosa integração entre experiência pessoal, prática cristã e conhecimento teológico de Deus, uma vez que “o rosto de Deus [...] só se deixa perceber e vislumbrar quando esses três elementos se integram em sua busca, seu conhecimento e seu anúncio” (Bingemer, 2005, p. 217).

3.2 A infopastoral ou infopraxis como caminho

A abordagem pastoral na cultura digital, concebida dentro de uma perspectiva profética, requer uma compreensão fundamental: não há mais uma divisão clara entre o ambiente físico e o digital, e o ser humano contemporâneo já está imerso na infosfera. Portanto, nem uma abordagem em termos de uma ciberpastoral, focada numa realidade que se divide em *on-line* e *off-line*, em uma realidade que ou é digital/virtual ou é física; nem uma abordagem limitada à pastoral digital são adequadas. Ao invés disso, a ação pastoral deve ser concebida de maneira integrada, reconhecendo a interconexão entre os espaços físico e digital,



e respondendo de forma relevante e eficaz às necessidades espirituais e pastorais das pessoas que estão conectadas 24h e estão com suas vidas inteiramente imersas no ambiente digital.

Um aspecto fundamental a considerar é a compreensão de que a prática da *Infopastoral* envolve a habilidade de oferecer e fomentar uma comunicação autêntica, “que se oponha à avidez econômica, que não se perca diante do poder da fama, que não pactue com a exploração e o abuso das pessoas, que não se corrompa em favor de concessões políticas, que denuncie a corrupção e a idolatria” (Moraes; Gripp, 2020, p. 164).

A *Infopastoral* ou *infopraxis* visa destacar a importância da prática da escuta atenta do contexto pós-moderno, compreendendo a realidade na qual o ser humano está imerso e atualizando continuamente a compreensão da cultura midiática digital. Isso permite estabelecer um diálogo eficaz que promove a comunicação do Evangelho de forma relevante e contextualizada.

A *Infopastoral*, enquanto ação da comunidade cristã na esfera digital, requer uma identidade distintiva, alinhada com os ensinamentos e o exemplo de Jesus Cristo, com o propósito de promover a libertação de todas as formas de opressão, incluindo aquelas de natureza mercadológica. No âmago da *Infopastoral* está a valorização do ser humano em sua totalidade, e suas estratégias visam fomentar o desenvolvimento de comunidades solidárias e missionárias. Essa rede inclusiva busca abranger a todos e, portanto, possui potencial para ser genuinamente universal e global. A priorização do valor intrínseco do ser humano representa um princípio fundamental e constante para a Igreja, que, diante dos desafios contemporâneos, é chamada a revisitar e a expandir sua ênfase nesse aspecto.

A *Infopastoral* continua a ação de Cristo no mundo digital e tem como elementos constitutivos: 1. O anúncio do Evangelho (centrado no acontecimento pascal); 2. A mudança de vida (com tudo o que supõe ser no mundo); 3. A preparação para a recepção dos sacramentos (uma ação que inicia no âmbito digital e tem sua concretude no ambiente físico, porque tudo está interligado). Outros elementos serão apresentados a seguir, à luz do magistério do Papa Francisco: presença, conteúdo, atitudes e gestos.

Presença: A presença pastoral da Igreja no ambiente digital deve transcender a profissionalidade e a abordagem meramente publicitária,



derivada das estratégias mais eficazes de *marketing* digital. A prática da *Infopastoral* requer mais do que a criação de conteúdos esteticamente atraentes e bem-sucedidos em termos de popularidade, como belas artes, postagens com muitos *likes* e compartilhamentos, vídeos altamente engajados e matérias com grande volume de acessos.

A presença da Igreja (entendida aqui como Povo de Deus) necessita efetivamente moldar uma rede diferente a partir, primeiramente, de seu uso, chegando mesmo ao debate social acerca da ética da tecnologia, que Paolo Benanti³ conceitua como *algorética* (2021). Temas como discriminação algorítmica, descolonização da inteligência artificial, exclusão digital, relações de trabalho, o pós-humanismo e transumanismo, a realidade virtual, entre outros, precisam fazer parte das preocupações, estudos e atuação da Igreja e da Teologia Pastoral.

A *práxis* cristã no mundo digital urge desafiar a “ordem social” do mercado e não a reforçar pelo uso das mesmas técnicas, sem reflexão ética, transformando o cristianismo numa marionete das grandes empresas de tecnologia. É pontual e prioritário ter uma presença crítica, responsável e atuante.

Conteúdo: A necessária conversão pastoral encontra nesta seção sua aplicabilidade. A prioridade das decisões sobre o conteúdo a ser transmitido e compartilhado precisa ser as pessoas. Três palavras são luzeiros neste caminho: curar, cuidar e compartilhar escrito por Czerny, ao prefaciá-la obra do Papa Francisco (2020, p. 14).

Curar é superar a indiferença, o ódio, o conflito, o desconhecimento, o preconceito. *Cuidar* é respeitar, estimar, ter solicitude, reconhecer o valor da pessoa humana em si, sem condicionamentos. *Compartilhar* é superar o individualismo e a indiferença; é ir ao encontro; é ser Igreja em saída. Compartilhar dores, medos e impossibilidades, mas, também, esperança, convicções, experiências, caminhos e vitórias.

Atitudes e Gestos: As ações que transmitem a mensagem do Reino de Deus ao ser humano contemporâneo devem refletir as mesmas atitudes adotadas por Cristo. Isso inclui a identificação com aqueles que

³ Paolo Benanti é um religioso franciscano na Terceira Ordem Regular. É professor na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, onde ensina Teologia Moral e Bioética. Atualmente, tem se dedicado, também, a estudos de ética das tecnologias. Em particular, suas pesquisas se concentram na gestão da inovação: internet e o impacto da era digital, biotecnologias para o aprimoramento humano e biossegurança, neurociência e neurotecnologia.



são destinatários da mensagem, comunicando-a não apenas por meio de palavras, mas principalmente através do testemunho de vida. Além disso, implica em anunciar a mensagem com coragem e sem concessões ao poder temporal, denunciando as injustiças e opressões existentes. Também é essencial adaptar a linguagem e mentalidade, contextualizando a mensagem de acordo com a realidade e circunstâncias específicas em que é proclamada.

A partir da *infopráxis*, a Igreja reconhece o mundo como o principal cenário de atuação dos batizados, compreendendo sua prática a partir da inseparabilidade do trinômio Igreja-Reino-Mundo. Suas ações devem refletir a compreensão de que as fronteiras da Igreja não se limitam aos limites físicos das paróquias, mas se estendem ao serviço de todos, independentemente de sua fé, uma vez que “o mundo é o campo de ação dos cristãos tanto como membros da Igreja quanto como cidadãos” (Brighenti, 2012, p. 35). Serviço este exercido com caridade, humildade e abnegação, enriquecido com os dons de Cristo. Nessa dinâmica, ela se descentraliza de si mesma, assumindo plenamente sua missão de ser o sacramento do Reino de Deus para a humanidade em todas as épocas históricas e ambientes culturais, inclusive na esfera digital.

Emergirá, pela *infopráxis*, uma comunidade composta por homens e mulheres cujas vidas foram transformadas pela conversão, com o propósito de tornar o ambiente digital um espaço genuíno de encontro. Este compromisso representa o distintivo identitário dessa comunidade. Suas atividades, interagindo com uma variedade de indivíduos, devem evoluir em consonância com as demandas da evangelização, mantendo uma relação estreita com os princípios teológicos e as diretrizes do Magistério.

Unidos às pessoas de boa vontade, os batizados ao adotarem a *práxis* do Evangelho no mundo digital, impregnam este ambiente de valores humanos. “É pela inserção ativa dos cristãos, como cidadãos, que se garante a presença construtiva da Igreja, em favor de uma sociedade justa e fraterna para todos” (Brighenti, 2021 p. 40). Obedecendo aos desígnios do plano amoroso de Deus, o referido autor pontua que a *Infopastoral* autoriza uma presença plural da Igreja na Rede, “segundo as mediações históricas possíveis e compatíveis com o Evangelho, peregrinando com toda a humanidade” (2021, p. 40).

A missão da Igreja, neste contexto digital, continua a mesma: a denúncia de toda injustiça e da opressão, como humilde servidora de todos os homens e continuadora da obra de Cristo no mundo, livre de



amarras e comprometimentos temporais, de conveniências indevidas e prestígio ambíguo (CELAM, 1987, n. 14,8). Através da *infopraxis* deve manter-se fiel à opção preferencial pelos pobres, exercendo profeticamente sua diaconia da comunicação (Gripp, 2017, p. 88) Fará isso sem deixar de reconhecer o valor e a autonomia legítima das tarefas temporais (CELAM, 1987, n. 14,10)

Conclusão

- Em suma, o presente artigo delinea a proposta da *Infopastoral* como uma contribuição significativa à sociedade contemporânea permeada pelas tecnologias e imersa na cultura digital. A mudança de época observada na atualidade suscita um amplo espectro de investigações interdisciplinares, reconhecendo a necessidade de diálogo entre a fé e a cultura digital.
- A *Infopastoral* possui uma interface dinâmica que integra as dimensões de presença, conteúdo, atitudes e gestos, encontro e testemunho, conforme delineado pelo pensamento do Papa Francisco. Sua proposição visa aprimorar a presença e a atuação da Igreja no contexto midiático digital, desafiando-a a permanecer relevante e responsiva aos imperativos contemporâneos da comunicação e da missão.
- Ao reconhecer a necessidade contínua de diálogo entre a fé e a cultura digital, esta pesquisa busca não apenas iluminar os desafios, mas também sugerir caminhos viáveis para uma prática pastoral autêntica e eficaz na era digital.
- A reflexão ressalta a necessidade premente de uma revisão na linguagem empregada para transmitir os conteúdos da fé cristã no contexto da cultura digital. Ressalta o ensinamento do Papa Francisco, na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, ao afirmar que é necessário concentrar o anúncio cristão no essencial e no atrativo, evitando dispersões em questões periféricas que não ecoam com o ser humano atual.
- Para tanto, faz-se necessária a prática da escuta atenta do ser humano no contexto pós-moderno, que está em constante evolução. Este é um elemento essencial no processo de comunicação do Evangelho na era digital.



- Além do aspecto de atualização, a *Infopastoral* carrega em si uma dimensão missionária e profética. A atuação da Igreja e a reflexão teológica na contemporaneidade precisa ser atuante, crítica e responsável. Deve abranger temas prementes como a discriminação algorítmica, descolonização da inteligência artificial, inclusão e exclusão digital, relações de trabalho, pós-humanismo e transumanismo, entre outros. Estes desafios demandam uma abordagem crítica e reflexiva por parte da práxis cristã, a fim de não apenas desafiar a “ordem social” vigente, mas também evitar que o cristianismo seja cooptado e instrumentalizado pelas grandes empresas de tecnologia.
- Isso implica não apenas utilizar as mesmas técnicas sem uma reflexão ética, mas também em engajar-se ativamente na promoção de uma transformação social e tecnológica que esteja em consonância com os valores do Evangelho.
- A *Infopastoral* é ação pastoral de todo o povo de Deus, e não apenas de um segmento de fiéis. Emerge como uma expressão vital da missão da comunidade cristã, impulsionada pelos ensinamentos e pelo exemplo de Jesus Cristo. Sua essência é intrinsecamente conectada à promoção da libertação de todas as formas de opressão, incluindo aquelas de natureza mercadológica, e à valorização integral do ser humano.
- Prioriza em suas ações não o *marketing*, mas o ser humano. E ao priorizar o valor intrínseco de cada indivíduo e buscar o desenvolvimento de comunidades solidárias e missionárias, a *Infopastoral* tem por objetivo tornar-se uma rede inclusiva, capaz de abranger a todos, e potencialmente universal e global em sua abrangência.
- Ao abraçar a proposta da *Infopastoral*, a comunidade cristã pode se tornar uma força dinâmica e transformadora na sociedade, promovendo a dignidade humana, a justiça e a solidariedade em todos os cantos do mundo virtual e físico. Essa é a chamada e o desafio que se apresentam à Igreja neste momento crucial da história, convidando-a a continuar sua jornada de serviço e testemunho em prol do Reino de Deus.



Referências

- AMADO, Joel Portella. Aspectos antropológicos para a evangelização junto às Juventudes: reflexões a partir do Sínodo dos Bispos de 2018. *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 61, p. 39-61, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=37784@1>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- BABIN, Pierre; MCLUHAN, Marshall. *Era electrónica um novo homem um cristão diferente*. Lisboa: Multinova, 1978.
- BENANTI, Paolo. *A algorética e o colonialismo digital*, 2021. Artigo Digital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607154-a-algoretica-e-o-colonialismo-digital-artigo-de-paolo-benanti>. Acesso em 30 mar. 2024.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Um rosto para Deus*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *O mistério e o mundo*. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BRAGA, Adriana. *Personas Materno-Eletrônicas*. Feminilidade e Interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Editora Salina, 2008.
- CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional. *Revista USP*. São Paulo, n. 63, p. 110-125, set./nov. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13372>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. Documento 100 da CNBB. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- COX, Harvey. *La séduction de l'espirit*. Paris: Editora Seuil, 1976.
- CZERNY, Michael. Prefácio. In: FRANCISCO. *Vida após a pandemia*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. p. 3-17.



DI FELICE, Massimo. *A Cidadania Digital*. A crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2021.

ESTRADA, Juan Antonio. *Qué décimos cuando hablamos de Dios?* La fe em una cultura escéptica. Madrid: Trotta, 2015.

FLORIDI, Luciano. *Ser humano e inteligência artificial: os próximos desafios do on life*. Entrevistado: Luciano Floridi. In: Instituto Humanitas Unisinos. [S. l.], 28 out. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/BUKEK>. Acesso em: 3 mar. 2024.

FLORIDI, L. *Information. A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2010. Eletronic Version – Kindle.

FLORIDI, Luciano. *The Fourth Revolution*. How the Infosphere is Reshaping Human Reality. New York: Oxford University Press, 2014. Eletronic Version – Kindle.

GRIPP, Andréia; MARTINS, Mario Roberto de Mesquita Martins. A Infopastoral como caminho para a interlocução entre o Evangelho e a cultura digital. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-9, jan./dez. 2022, p. 1-9. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20486@1>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MORAES, Abimar Oliveira de. João Paulo II e a “nova cultura” da comunicação social. *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro. Ano XV n. 39, setembro a dezembro/2011, p. 675-685. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20486@1>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MORAES, Abimar Oliveira de; GRIPP, Andréia. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. *Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 145-167, jun. 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1640>. Acesso em: 28 jan. 2024.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’*. Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 24 de maio de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 fev. 2024.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades*. Vaticano: 27 novembro 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/spe->



eches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grand-citta.html. Acesso em: 3 mar. 2024.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano: 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 mar. 2024.

PAPA FRANCISCO. “*Vem e Verás*” (Jo 1,46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são. Mensagem para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais. In: Vatican. Roma, 23 jan. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 3 mar. 2024.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. Sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: 1990. n. 37c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 3 mar. 2024.

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. O mercado, o ciberespaço, a consciência, 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2003.

MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Editora Cultrix, 1974.

MORAES, Abimar; GRIPP, Andréia Durval. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. *Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 145-167, jun. 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1640>. Acesso em: 28 fev. 2024.

BENANTI, Paolo. *A algorética e o colonialismo digital*. 2021. Artigo Digital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607154-a-algoretica-e-o-colonialismo-digital-artigo-de-paolo-benanti>. Acesso em: 5 abr. 2024.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio*. São Paulo: Editora Nobel, 1994.



RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SPADARO, Antonio. *A proposta do Papa Francisco*. O futuro rosto da Igreja. São Paulo: Loyola, 2013.

SODRE, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, A. D. G. *A Igreja diante da cultura midiática digital: desafios, caminhos e perspectivas*. Rio de Janeiro, 2017. 110p. Dissertação (mestrado). Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SOUZA, Andréia Durval Gripp. *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital*. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja. 2022. 229p. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.